

Pierre Bourdieu e a educação: *habitus*, capitais e a censura na literatura

*Pierre Bourdieu and education: habitus, capitals, and
censorship in literature*

*Pierre Bourdieu y la educación: habitus, capitales y la
censura en la literatura*

DOI:10.18226/21784612.v30.e025007

Mony Iaslyn Sampaio Luz²

Daniela da Costa Britto Pereira Lima³

Resumo: Este artigo analisa, com base nos conceitos de *habitus* e capitais de Pierre Bourdieu, as dinâmicas de poder presentes nas relações sociais e humanas, enfatizando como essas estruturas moldam práticas e percepções cotidianas. A partir da censura representada pela retirada da obra *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, das escolas públicas, observou-se como as secretarias de educação dos estados do Paraná, Goiás e Mato Grosso do Sul exerceram seu poder simbólico, demonstrando de que maneira o campo político interfere no campo educacional, regulando o que pode ou não ser ensinado. Desse modo, o estudo problematiza a relação entre os capitais, destacando como as disputas de poder impactam a formação escolar, legitimam determinadas narrativas e silenciam outras, influenciando o que se torna legítimo no espaço escolar e o que é considerado subversivo. A pesquisa, fundamentada na teoria da prática, utiliza como referencial teórico Bonnewitz (2003), Bourdieu (2001), Martins (1987) e Oliveira e Pessoa (2013). A análise revelou como as relações sociais estruturam a sociedade, naturalizam desigualdades e reforçam a reprodução de um *habitus* social excludente, ao mesmo tempo em que a escola, enquanto espaço de disputas, atua tanto na manutenção quanto na possibilidade de ruptura dessas estruturas. Assim, evidencia-se

¹ Este trabalho conta com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por meio de bolsa de pesquisa concedida às autoras.

² Graduada em Pedagogia (Licenciatura) na Faculdade de Educação (FE) na Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação (PPGE) na Faculdade de Educação (FE) na Universidade Federal de Goiás (UFG). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-9961-7575>. E-mail: monysampaio@gmail.com

³ Pedagoga, Doutora em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento (UFRJ) e Pós-Doutora em Educação (UFMT). Professora do Curso de Pedagogia da UFG e atual coordenadora (2022-atual) do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1075-2113>. E-mail: daniela_lima@ufg.br.

que o campo educacional não é neutro, sendo atravessado pelas disputas do campo político, o que se expressa nas tentativas de censura e na seleção do conhecimento escolar, reforçando hierarquias simbólicas e sociais. Conclui-se que compreender tais dinâmicas é essencial para resistir a essas imposições.

Palavras-chaves: Pierre Bourdieu. Censura Literária. Teoria da Prática. O avesso da pele. PNLD literário 2021.

Abstract: This article analyzes, based on Pierre Bourdieu's concepts of *habitus* and capitals, the power dynamics present in social and human relations, emphasizing how these structures shape everyday practices and perceptions. Drawing on the censorship represented by the removal of the work *O avesso da pele*, by Jeferson Tenório, from public schools, it was observed how the education departments of the states of Paraná, Goiás, and Mato Grosso do Sul exercised their symbolic power, demonstrating how the political field interferes in the educational field, regulating what can or cannot be taught. In this way, the study problematizes the relationship between capitals, highlighting how power struggles impact school formation, legitimize certain narratives, and silence others, influencing what becomes legitimate in the school space and what is considered subversive. Grounded in practice theory, the research uses Bonnewitz (2003), Bourdieu (2001), Martins (1987), and Oliveira and Pessoa (2013) as theoretical references. The analysis revealed how social relations structure society, naturalize inequalities, and reinforce the reproduction of an exclusionary social *habitus*, while at the same time the school, as a space of dispute, acts both in maintaining and potentially breaking these structures. Thus, it is evident that the educational field is not neutral, being traversed by political struggles, as expressed in attempts at censorship and the selection of school knowledge, reinforcing symbolic and social hierarchies. It is concluded that understanding these dynamics is essential to resist such impositions.

Keywords: Pierre Bourdieu. Literary Censorship. Theory of Practice. *O avesso da pele*. PNLD literário 2021.

Resumen: Este artículo analiza, a partir de los conceptos de *habitus* y capitales de Pierre Bourdieu, las dinámicas de poder presentes en las relaciones sociales y humanas, enfatizando cómo estas estructuras moldean las prácticas y percepciones cotidianas. A partir de la censura representada por la retirada de la obra *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, de las escuelas públicas, se observó cómo las secretarías de educación de los estados de Paraná, Goiás y Mato Grosso do Sul ejercieron su poder simbólico, demostrando de qué manera el campo político interviene en el campo educativo, regulando lo que puede o no ser enseñado. De este modo, el estudio problematiza la relación entre los capitales, destacando cómo las disputas de poder impactan la formación

escolar, legitimam determinadas narrativas y silencian otras, influyendo en lo que se considera legítimo en el espacio escolar y en lo que se considera subversivo. La investigación, fundamentada en la teoría de la práctica, utiliza como referencias teóricas a Bonnewitz (2003), Bourdieu (2001), Martins (1987) y Oliveira y Pessoa (2013). El análisis reveló cómo las relaciones sociales estructuran la sociedad, naturalizan desigualdades y refuerzan la reproducción de un *habitus* social excluyente, al mismo tiempo que la escuela, como espacio de disputa, actúa tanto en el mantenimiento como en la posibilidad de ruptura de estas estructuras. Así, se evidencia que el campo educativo no es neutral, siendo atravesado por las disputas del campo político, lo que se expresa en los intentos de censura y en la selección del conocimiento escolar, reforzando jerarquías simbólicas y sociales. Se concluye que comprender estas dinámicas es esencial para resistir tales imposiciones.

Palabras clave: Pierre Bourdieu. Censura Literaria. Teoría de la Práctica. *O avesso da pele*. PNLD literário 2021.

Introdução

Existem disputas de poder tanto no campo⁴ político quanto no campo educacional que frequentemente se materializam em episódios de censura. Quando uma obra é retirada de circulação no ambiente educacional, emerge um exercício de poder que regula e define o que é considerado legítimo e aceitável. Assim, surgem questionamentos: a história contada deve ser apenas aquela legitimada por um único campo, ou deve contemplar diferentes perspectivas? A escolha democrática da escola por determinados livros deve ser respeitada ou submetida às preferências pessoais e políticas de quem exerce o controle social e ideológico? Aliás,

Censurar livros é atacar a democracia, a liberdade de expressão e a formação de cidadãos e cidadãs. O futuro do Brasil e o combate às desigualdades sociais dependem do crescimento intelectual amplo e igualitário de sua população, onde o livro tem um papel imprescindível (Snel, 2024).

A obra *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, é um exemplo marcante dessas disputas. Trata-se de um romance que resgata a história de sobrevivência de um corpo negro que vive à margem da sociedade, enfrentando violências impostas pela estrutura social e

⁴ Catani *et al.* (2017, p. 65) delimita uma série de elementos que definem o conceito de campo. Nele, os autores afirmam que “Um campo é um microcosmo incluído no macrocosmo constituído pelo espaço social global (nacional ou, mais raramente, internacional)”.

pelas situações que o atravessam. Desse modo, a citação a seguir nos apresenta, de modo sucinto, como é essa realidade.

Na verdade, você estava perdido, porque, até ali, a vida não passava de um amontoado de obstáculos que você tinha de superar. Resistir fazia parte da sua vida e você nunca havia se questionado por que as coisas eram assim. Nunca se questionou por que era pobre, nunca se questionou por que vivia sem pai. Nunca se perguntou por que a polícia abordava na rua com tanta frequência. A vida simplesmente acontecia e você simplesmente passava por ela (Tenório, 2020, p. 32-33).

Ao narrar a trajetória de seu pai, Henrique, um homem negro morto em uma abordagem policial, a obra levanta questões profundas como o racismo estrutural, a violência policial e a sexualização dos corpos negros. Nesse sentido, Tenório (2020) explora, de maneira visceral, as complexidades da vida na sociedade brasileira, evidenciando como o ambiente molda a percepção e o comportamento, especialmente no contexto da desigualdade social e do racismo.

Para compreender plenamente as dinâmicas sociais e culturais apresentadas no livro, é fundamental recorrer aos conceitos de *habitus* – este será elucidado na próxima seção – e, capitais⁵, desenvolvidos por Pierre Bourdieu. Esses conceitos nos permitem analisar como disposições sociais e tipos de capital – cultural, econômico, social e simbólico – influenciam as posições e oportunidades dos indivíduos em uma sociedade estruturada. A aplicação dessas teorias à obra de Tenório (2020) vai além de uma reflexão acadêmica: torna-se um recurso valioso para interpretar a realidade social brasileira, marcada por desigualdades profundas. Tal análise é ainda mais urgente diante da censura que a obra sofreu em todo o país, devido às suas temáticas sobre identidade, relações raciais e negritude.

O avesso da pele foi reconhecido nacionalmente, recebendo o Prêmio Jabuti em 2021, e selecionado para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD⁶), PNLD literário Ensino

⁵ Catani *et al.* (2017, p. 101) afirmam que o capital “[...] é um ‘recurso’, segundo o modelo do patrimônio, isto é, um estoque de elementos (ou ‘componentes’) que podem ser possuídos por um indivíduo, um casal, um estabelecimento, uma ‘comunidade’, um país, etc.”

⁶ “O PNLD é uma política pública, executada pelo FNDE e pelo Ministério da Educação, destinada a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias de forma sistemática, regular e gratuita.

Médio/2021, por meio da Portaria nº 140⁷, de 14 de setembro de 2022, destinada ao Ensino Médio. Além disso, é um dos livros obrigatórios nos vestibulares em todo o país. No entanto, a censura ocorreu quando o livro foi recolhido das escolas públicas, em estados como Paraná, Goiás e Mato Grosso do Sul, onde as secretarias de educação justificam o recolhimento com base na alegação de que a linguagem dos livros era “imprópria para menores de 18 anos” e com conteúdo sexual (Santos, 2024).

Nesse contexto, o referencial teórico de Bourdieu é essencial para compreendermos os fatores que impactam a vida das pessoas negras e as relações sociais e individuais que se constroem ao seu redor. Como destaca Ortiz (1983, p. 13), “[...] a sociologia de Bourdieu introduz, assim, junto às relações de interação, a questão de poder”. Portanto, ao se falar de pesquisa é necessário:

[...] ter uma postura realística, examinando sempre as teorias de relações e de poder existentes entre os agentes num determinado espaço, campo ou instituição social. Trata-se, pois, de realizar uma análise relacional, pensar em termos de relações, ou seja, buscar o conjunto de relações produzidas (Oliveira, Pessoa, 2013, p. 27)

O objetivo deste texto é analisar, com base nos conceitos de *habitus* e capitais de Pierre Bourdieu, as dinâmicas de poder presentes nas relações sociais e humanas, enfatizando como essas estruturas moldam práticas e percepções cotidianas. Como referência analítica, utilizamos a obra de Tenório (2020), que, por meio de sua narrativa ficcional, evidencia como as dinâmicas do *habitus* e dos diferentes capitais influenciam nas disputas de poder no campo educacional quando uma obra é censurada. Portanto, falar sobre literatura é compreender a sua importância social, histórica, política e sua indissociabilidade à vida real, isto é, “A realidade injeta vida na ficção e a ficção injeta vida na realidade” (Amado, 2008, p. 104) porque “Vocês sabem, vida e literatura são assim, vão se misturando, parecem irmãs xifópagas, e deslindá-las, quem há-de?” (Amado, 2008, p. 96).

É um dos maiores programas de distribuição de livros do mundo.” Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/funcionamento>. Acesso em: 10 dez. 2024.

⁷ Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/consultas-editais/editais/edital-pnld-2021/Portarian140ResultadoFinalAvalPedagPNLD2021OBJETO5.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2024.

A metodologia deste artigo fundamenta-se em Pierre Bourdieu, inserida no âmbito da sociologia reflexiva, com enfoque praxiológico, sistêmico e relacional. Parte-se do princípio de que a sociedade é moldada pelas relações estabelecidas entre os indivíduos em diferentes campos de interação, nos quais atuam capitais específicos que influenciam práticas e percepções. Essa dinâmica ocorre de forma dialética, mediada pelos campos estruturais e pela incorporação desses contextos pelos agentes, formando um sistema de disposições conhecido como *habitus*.

Nesse sentido, este estudo centraliza-se na censura ao livro *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, em escolas públicas, para compreender como o campo político interfere no campo educacional, regulando os discursos legítimos e silenciando narrativas relacionadas ao racismo e às violências estruturais no Brasil. Assim, a teoria de Bourdieu é utilizada como ferramenta de análise crítica, permitindo identificar como as disputas de poder no campo político moldam práticas escolares e contribuem para a manutenção de desigualdades sociais.

Tendo em vista essa questão, ao analisar o contexto da obra de Tenório (2020), conseguimos visualizar como se constroem as interações entre o meio coletivo e o indivíduo inserido em uma lógica de relações já solidificada, isto é, a obra apresenta como pano de fundo a sociedade brasileira, marcada por hierarquização de raças, Tenório (2020, p. 54) conclui que “A pele fora nomeada, a existência ganhara sobrenome”, mostrando como a sociedade delimita o indivíduo e seu espaço a partir de seu fenótipo.

Desse modo, Bourdieu argumenta que a sociedade tende à reprodução dos mecanismos de poder e à conservação das estruturas da ordem social. O *habitus* atua como um mecanismo de regulação social, estruturando as disposições impostas e adquiridas pelo indivíduo. Assim, a teoria da prática de Bourdieu oferece uma reflexão crítica sobre a sociedade a partir das atividades humanas e das relações que os indivíduos estabelecem nos diferentes contextos sociais.

Por fim, este trabalho será dividido em três partes. A primeira irá destacar o que é *habitus* e como ele é exemplificado na obra de Tenório (2020). A segunda tratará sobre os tipos de capitais

apresentados na obra de Tenório (2020). E, por fim, uma análise sobre a disputa de poder na educação quando se refere a sua legitimidade de escolha de uma obra literária nesse contexto.

Habitus em O avesso da pele

É necessário compreendermos o que significa a sociologia. O termo é constituído a partir dos vocábulos latino *socius* e grego *logos*; o primeiro significa “associação” e o segundo, “estudo”. Dessa forma, a sociologia é o estudo científico da organização e do funcionamento das sociedades humanas, bem como das leis fundamentais que regem as relações sociais, as instituições e outros aspectos relacionados (Catani *et al.*, 2017).

Tendo em mente o conceito introduzido no parágrafo anterior, é necessário compreendermos como funciona a sociedade, no nosso caso, a brasileira, tomando as relações sociais que são estabelecidas em nosso contexto sócio-histórico e político. Desse modo, Bourdieu nos explica sobre o que ele denominou como *habitus*. Tal termo nos elucida que: “O corpo está dentro do mundo social, mas o mundo social está dentro do corpo” (Bourdieu, 2001, p. 41).

A partir dessa lógica, é notória a compreensão de que é algo indissociável do ser humano. Ele está presente no vínculo humano que é consolidado partir do meio em que habita. Nesse sentido, o *habitus* “[...] tende, portanto, a conformar e a orientar a ação, mas na medida em que é produto das relações sociais ele tende a assegurar a reprodução dessas mesmas relações objetivas que o engendraram” (Ortiz, 1983, p. 15).

Assim, o autor nos esclarece que esse *habitus* é o conjunto de disposições que orientam o modo de pensar, ver e agir dos indivíduos, sendo resultado das relações construídas individual e coletivamente a partir das estruturas sociais. Assim, “[...] pressupõem um conjunto de ‘esquemas generativos’ que presidem a escolha; eles se reportam a um sistema de classificação que é, logicamente, anterior à ação” (Ortiz, 1983, p. 16). Nesse sentido, o autor quer nos dizer que o modo como as pessoas agem está condicionado pelas estruturas sociais, isto é, foram moldadas por meio do *habitus* ao longo da vida, mesmo que elas não estejam totalmente conscientes desse fato. Por conseguinte, vale discriminar que:

[...] o *habitus* é um sistema de disposições duradoras adquirido pelo indivíduo durante o processo de socialização. As disposições são atitudes, inclinações para perceber, sentir, fazer e pensar, interiorizadas pelos indivíduos em razão de suas condições objetivas de existência, e que funcionam então como princípios inconscientes de ação, percepção e reflexão (Bonnewitz, 2003, p. 77).

Em resumo, ele “[...] é o produto da posição e da trajetória social dos indivíduos” (Bonnewitz, 2003, p. 78). Assim, é lúcido compreendermos que “Na verdade, gostar mais de cerveja do que de vinho, de filmes de ação do que de filmes políticos, votar na direita mais do que na esquerda são produtos do *habitus*” (Bonnewitz, 2003, p. 78). Desse modo, Tenório (2020) discute as diferentes relações sociais que são incorporadas na vida de Henrique, que vão revelando as minúcias e distintas problemáticas resultadas desse *habitus* existente naquele contexto social.

Nesse ínterim, é válido considerarmos que ao longo do enredo, o autor questiona as justificativas por trás da hierarquização das raças. Segue relato:

Arthur de Gobineau, o pai do racismo, ele completa. Foi este sujeito aqui quem aproximou o conceito de raça do discurso político. Não esqueçam dele, ele repetiu. Foi Arthur de Gobineau quem afirmou que as raças protagonizaram as lutas pelo poder e que, portanto, haveria raças inferiores e raças superiores. Depois dele, outros estudiosos da raça vieram e agregaram mais valores científicos para comprovar que os negros pertenciam a uma raça menor (Tenório, 2020, p. 33-34).

Com base na citação destacada, observamos que algumas teorias legitimam a discriminação racial, influenciando diretamente as interações entre indivíduos no contexto coletivo. Dessa forma, no excerto a seguir, é possível identificar como esse discurso racial se legitima por meio da consolidação do *habitus* daquele cenário.

Quando você entrava sozinho numa loja e recebia um tratamento frio e desconfiado por ser negro, se dava conta de que, quando Juliana entrava e te beijava, os vendedores te tratavam melhor. Uma mulher branca com um negro, ele deve ser um bom homem. E por algum tempo você passou a gostar disso também. A presença de Juliana te dava uma espécie de salvo-conduto em certos ambientes. Porque, quando você estava com ela, você não

era qualquer negro diante dos outros. Você era especial (Tenório, 2020, p. 30).

No excerto em questão, notamos que a hierarquização racial é uma situação evidenciada tanto na obra em análise quanto no contexto brasileiro. Assim, é importante entendermos que existe a criação de um *habitus* sobre essa sociedade. Nesse caso, a comunidade trata relacionamentos interraciais e relacionamentos compostos exclusivamente por pessoas negras de formas diferentes. Sendo assim, as percepções sociais determinam o que é considerado aceitável, favorável e agradável, enquanto impõem limites sobre o que é permitido ou não dentro do escopo social. Portanto, o *habitus* é um sistema estabelecido na sociedade, legitimando a emissão desses preconceitos.

Assim, os discursos da hierarquização de raças “Eram teorias que serviam apenas para fortalecer e sustentar o discurso racista da escravidão” (Tenório, 2020, p. 34). Desse modo, considerar essa questão a chave de leitura desse romance é levar em conta que as relações sociais implicam consideravelmente em como a sociedade se porta. No caso analisado, a construção de uma ciência que determina quais são as raças “superiores” e “inferiores”. Sobre essa questão, Bourdieu elucidou que “O campo científico é, de fato, um campo de lutas como outro qualquer” (Bourdieu, 2001, p. 24), por isso não é de se admirar que haja também uma ciência que seja racista. O autor nos alerta sobre o que é considerado verdade na sociedade:

Se há uma verdade, é que a verdade é um resultado de lutas; mas essa luta só pode conduzir à verdade quando obedece a uma lógica tal que não se pode triunfar sobre os adversários sem empregar contra eles as armas da ciência, contribuindo assim para o progresso da verdade científica (Bourdieu, 2001, p. 25).

Em referência à citação, Bourdieu estava informando que a verdade é uma luta pelas diferentes ideologias. A ciência, nesse sentido, ao desafiar questões pré-estabelecidas pela sociedade, precisa recorrer a novas formas de pensamento, promovendo sua constante evolução. Quando o protagonista de Tenório esclarece que, no passado, Arthur de Gobineau foi o criador do racismo, o autor busca mostrar como a hierarquização das raças se baseou

em fenótipos. No entanto, com o avanço da ciência, outros cientistas desmentem essa falácia, evidenciando que o *habitus* é continuamente remodelado conforme o espaço e o tempo em que se concretiza.

Até o presente momento, apontamos uma disputa pelo domínio do conhecimento, em que a hierarquização racial se mostra uma construção real, frequentemente utilizada para discriminar grupos considerados minoritários. Nesse cenário, o saber é instrumentalizado para atender a agendas ideológicas. Diante disso, cabe questionar: qual seria o papel da sociologia nesse contexto?

Tendo em mente o que observamos nos parágrafos anteriores sobre a construção de uma ciência que divide a sociedade, Bourdieu nos afirma que a sociologia tem papel fundante na desmistificação de preceitos já previstos, como a questão do racismo, isto é, na ruptura desses *habitus*. O autor destaca que ela “[...] desvela a self-deception, a mentira para si mesmo coletivamente empreendida e encorajada e que, em toda a sociedade, está no fundamento dos mais sagrados valores e, portanto, de toda a existência social” (Bourdieu, 2001, p. 34), isto é, “[...] podemos ao menos esperar, da ciência social, que faça recuar a tentativa da magia, essa hybris da ignorância ignorante de si mesma e que, caçada na relação com o mundo natural, sobrevive na relação com o mundo social” (Bourdieu, 2001, p. 35). Assim, Bourdieu a vê como uma ciência crítica que explana e revela as diferentes construções sociais demonstradas na sociedade, ou seja, o seu papel é ser uma ciência consciente do seu dever social, de mostrar a veracidade dos fatos.

Ademais, essa reflexão nos apresentou a criação de ciências que servem à “ignorância ignorante de si mesma”, conforme mencionado anteriormente, e, como essas proposições impactam a formação do indivíduo em sua coletividade, como a hierarquização de raças. Nesse sentido, Bourdieu argumenta que o papel do sociólogo é “[...] encontrar armas contra as determinações sociais na própria ciência que as ilumina” (Bourdieu, 2001, p. 6), porque “A ciência é reforçada toda vez que se reforça a crítica científica” (Bourdieu, 2001, p. 23). Assim, a ciência está sujeita ao *habitus* que conduz aquela sociedade.

Desse jeito, devemos levar em conta que “Os conceitos não são estáticos, pelo contrário, devem ser colocados em ação de modo a ajudar a pensar e construir um sistema coerente de relações” (Oliveira; Pessoa, 2013, p. 27), de modo a se realizar uma ciência crítica e reflexiva sobre os objetos de estudos postos. O *habitus*, em *O avesso da pele*, se apresenta de modo evidente, assim, presenciamos as contradições de uma civilização que deveria ser lúcida sobre seus problemas sociais e os modos de solucioná-los (se esse for o caso).

Por conseguinte, “[...] o *habitus* ajusta as chances objetivas e as motivações subjetivas; ele oferece a ilusão de escolha nas práticas e representações, enquanto os indivíduos apenas mobilizam o *habitus* que os moldou” (Bonnewitz, 2003, p. 87). Com esse conceito em mente, podemos considerar que a obra de Tenório (2020) expõe como a sociedade determina as condições de vida de uma pessoa negra em um ambiente predominantemente branco, o que acarreta diversas consequências negativas para sua existência, resultando em uma luta constante pela sobrevivência diária. Desse modo, o *habitus* molda as ações dos indivíduos.

Henrique teve uma trajetória marcada pelas adversidades no campo social, econômico, político e educacional, que o obrigaram a moldar constantemente suas ações para garantir sua sobrevivência cotidiana. Desde cedo, ele enfrentou a violência policial, a objetificação de seu corpo por meio de piadas, o silenciamento de sua dor, o descaso do poder público e a imposição de papéis sociais predeterminados pela condição de ser um homem negro. Dessa forma, o *habitus* o condicionou a ocupar uma categoria socialmente definida pelas relações estruturadas previamente. Ao longo da narrativa, observamos que Henrique sobrevive a uma dor após a outra, sem pausas (Tenório, 2020). Assim, em conformidade com a lógica da sociologia prática de Bourdieu:

[...] o homem é um ser social, que os comportamentos que lhe parecem mais naturais, como que inatos, são, na verdade apenas o produto de múltiplas aquisições sociais: a personalidade individual é apenas uma variante de uma personalidade social constituída na e pela filiação a uma classe social” (Bonnewitz, 2003, p. 91).

Tenório (2020) explora diversas situações que atravessam a vida de indivíduos em busca de sobrevivência. No trecho a

seguir, o narrador reflete sobre como o “viver” está intimamente ligado ao trabalho: “Nossa mãe vive naquela escola se matando e nunca conseguimos mudar, melhorar nossa vida [...] não havia futuro” (Tenório, 2020, p. 63). Esse relato explícito sobre a vida social associada ao modo econômico que demonstra que “[...] o *habitus*, enquanto produto da história, orienta as práticas individuais e coletivas” (Martins, 1987, p. 40). Para essa família, o trabalho não representa um caminho para o futuro, mas apenas a garantia da sobrevivência diária, nada além disso. Essa visão molda profundamente a vida familiar, e o *habitus* que se desenvolve nesse contexto acaba por conformar todos aqueles que dele fazem parte.

Ao relacionar o conceito de *habitus* com a narrativa de Tenório (2020), percebemos que as decisões e escolhas ao longo do romance são apresentadas de forma reprodutiva. Como canta Elis Regina em *Como Nossos Pais* (1976): “Minha dor é perceber / Que apesar de termos / Feito tudo o que fizemos / Ainda somos os mesmos / E vivemos / Ainda somos os mesmos / E vivemos / Como os nossos pais”. Mesmo desejando uma mudança em nossa vida, o *habitus* emerge como uma condição inerente ao ser humano, moldada pelos padrões cristalizados na sociedade.

Capitais e *O avesso da pele*

A partir da teoria de Bourdieu sobre o capital cultural, econômico, social e simbólico, são colocadas em xeque as questões que impelem as relações sociais dispostas na sociedade. Uma comunidade que é marcada por regimentos que são solidificados e classificados como “certo” e “errado”. Nesse sentido, tal teoria irá explicitar como as relações sociais são construídas, a partir das questões culturais, econômicas, sociais e simbólicas.

Por isso, ao analisar a obra de Tenório (2020), observaremos como esses aspectos estão intrínsecos na narrativa, uma vez que a ficção se consolida também na realidade. Há muitos Henriques que estão vivendo com as mesmas questões narradas pelo protagonista na obra analisada em nosso país. Muitas são as barreiras acrescidas às pessoas de raça, classe e estilo diferentes dos considerados “normatizados” pelo senso comum. Tais questões nos levam a compreender que a narrativa de Tenório (2020) não é um caso isolado da ficção, pois abrange elementos reais, de uma sociedade

marcada pela discriminação e preconceito em diversas instâncias resultados do discurso da hierarquização das raças, isto é:

É necessário preservar o avesso, você me disse? Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo. E determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que a sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você de alguma forma tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? (Tenório, 2020, p. 61).

A obra evidencia que nascer negro em uma sociedade racista significa enfrentar inúmeros obstáculos ao longo da vida. O tratamento recebido por uma pessoa negra é significativamente distinto daquele reservado a uma pessoa branca. O *habitus* incorpora a noção do que é considerado aceitável, moldando os limites sociais. A citação destacada mostra como a cor da pele define as experiências cotidianas. Na subseção a seguir, analisaremos, a partir dos contextos social, histórico, cultural e econômico, as dinâmicas vividas por pessoas negras em uma sociedade que impõe a hierarquização racial.

Em relação ao capital cultural, este refere-se ao conhecimento e às qualificações valorizadas socialmente, como diplomas acadêmicos e conhecimento cultural, ou seja,

O capital cultural, que corresponde ao conjunto das qualificações intelectuais produzidas pelo sistema escolar ou transmitidas pela família. Este capital pode existir sob três formas: em estado incorporado, como disposição duradoura do corpo (por exemplo, a facilidade de expressão em público); em estado objetivo, como bem cultural (a posse de quadros, de obras); em estado institucionalizado, isto é, socialmente sancionado por instituições (como os títulos acadêmicos) (Bonnevitz, 2003, p. 53-54).

Tenório aborda o capital cultural de forma crítica, evidenciando como o acesso à educação formal e a valorização cultural influenciam as oportunidades dos indivíduos. A citação “Até o fim você acreditou que os livros poderiam fazer algo pelas pessoas” (Tenório, 2020, p. 13) ilustra a esperança depositada no capital cultural como um meio de transformação social, ao mesmo tempo em que questiona a eficácia real desse capital na prática

social. Nesse sentido, tanto o acesso quanto a ausência de capital cultural determinam a trajetória do indivíduo. No caso analisado, Henrique busca compreender o impacto transformador que o acesso aos livros poderia ter na vida das pessoas e o que seria delas sem essa possibilidade.

O capital econômico, por sua vez, refere-se aos recursos materiais, renda e posses, que são essenciais para a sobrevivência e para a ascensão social. Portanto, “[...] é constituído pelos diferentes fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e pelo conjunto dos bens econômicos: renda, patria bens materiais” (Bonnewitz, 2003, p. 53).

Na obra em análise, o impacto do capital econômico é notável em várias situações. Por exemplo, o trecho “[...] você sabia o que era ter uma ferida de meio centímetro, sem ter plano de saúde nem dinheiro” (Tenório, 2020, p. 17) ilustra a dificuldade enfrentada por quem não possui recursos financeiros para cuidados básicos de saúde. No nosso caso em questão, Henrique nos mostra como sua vida fica à mercê de situações emblemáticas, ou seja, o não acesso a esse capital o impossibilita de ter o direito à saúde. Sendo assim, ele sabia quais as condições o esperavam diante dessa vulnerabilidade financeira.

Além disso, os excertos “Porque tem mais dez períodos de cinquenta minutos pela frente. Você se transformou em uma máquina de dar aulas. Numa máquina de dar explicações” (Tenório, 2020, p. 19) e “Na saída das danceterias, já ao amanhecer, vocês ainda tinham de escolher entre comer um cachorro-quente e pegar um ônibus para ir para casa” (Tenório, 2020, p. 25) demonstram como a falta de recursos econômicos limita as opções e afeta a qualidade de vida. Essas citações evidenciam como o capital econômico, ou a falta dele, impacta diretamente a vida dos personagens, influenciando suas condições de vida e oportunidades, de tal modo que Henrique precisa escolher entre comer ou voltar para a casa. Essa situação mostra mais uma vez como o acesso ou a privação ao capital influencia a vida do protagonista.

Por outro lado, o capital social refere-se às redes de relações sociais que podem ser capitalizadas para obter benefícios diversos, como prestígio, emprego ou influência. A habilidade de construir

e manter relações sociais é crucial para acessar oportunidades e recursos. Desse modo:

O capital social, que se define essencialmente com o conjunto das relações sociais de que dispõe um indivíduo ou grupo. A detenção deste capital implica um trabalho de instauração e manutenção das relações, isto é, um trabalho de sociabilidade: convites recíprocos, lazer em comum, etc. (Bonnevitz, 2003, p. 54).

Na obra de Tenório (2020), o capital social é evidenciado em situações de crise, funcionando como um elemento que organiza e fortalece as relações sociais. No episódio em que o padre apela ao respeito pela igreja, “[...] pelo amor de Deus, gente, em nome de Jesus, respeitem a casa do senhor [...]” (Tenório, 2020, p. 18), observa-se como normas e valores compartilhados, como a reverência ao espaço sagrado, têm o poder de interromper atos de violência. Aqui, o respeito ao padre e à igreja demonstra como o capital social pode atuar como uma força mediadora em situações de conflito.

Já na frase “[...] os negros tinham de lutar, pois o mundo branco havia nos tirado quase tudo e que pensar era o que nos restava. É necessário preservar o avesso [...]” (Tenório, 2020, p. 61), o capital social se manifesta na solidariedade e na identificação de um grupo oprimido. A união entre os negros é fortalecida pela memória coletiva de resistência e pela importância atribuída ao pensamento crítico como uma ferramenta para preservar sua identidade e enfrentar as adversidades impostas pelo sistema opressor. Assim, o capital social, na narrativa de Tenório, aparece tanto na força de símbolos coletivos, que garantem a coesão social, quanto na solidariedade, que une grupos marginalizados, permitindo-lhes resistir e superar situações de violência e opressão.

Por último, o capital simbólico está relacionado a prestígio, honra e reconhecimento social e, portanto, confere status e privilégios aos indivíduos. É um tipo de capital que, mesmo na ausência de recursos materiais, pode assegurar um status elevado e acesso a oportunidades, isto é,

O capital simbólico, que corresponde ao conjunto dos rituais (como as boas maneiras ou o protocolo) ligados à honra e ao reconhecimento. Afinal, apenas o crédito e a autoridade conferem a um agente o reconhecimento

e a posse das três outras formas de capital. Ele permite compreender que as múltiplas manifestações do código de honra e das regras de boa conduta não são apenas exigências do controle social, mas são constitutivas de vantagens sociais com conseqüências efetivas (Bonnewitz, 2003, p. 54).

Tenório (2020) ilustra como a falta de capital simbólico pode afetar a trajetória dos personagens. Citações como “[...] você lembra que um dia já tinha sido algemado como um bandido” (Tenório, 2020, p. 17-18) e “Acharam que você tinha roubado o boné de um daqueles moleques. E ser confundido com bandido vai fazer parte de sua trajetória” (Tenório, 2020, p. 19) destacam como o estigma de uma identidade pode influenciar a vida das pessoas. Além disso, “[...], mas às vezes, quando você chora, quando lembra que pode chorar” (Tenório, 2020, p. 22) revela a luta interna do protagonista com as percepções sociais e o impacto do capital simbólico em sua autoimagem e em como é visto pelos outros.

Outro exemplo é a citação “Quando Juliana foi apresentada a sua família, não a trataram muito bem. Exceto a sua mãe, que ficou olhando para aquela moça muito branca e já vislumbrando um neto mais clarinho, com o cabelo bom e traços mais finos” (Tenório, 2020, p. 31-32), que ilustra como as normas e expectativas sociais moldam as interações e percepções dentro do grupo familiar e da sociedade em geral. Desse modo, observamos, nesse caso, que há a internalização de hierarquizações raciais e a valorização de traços fenotípicos próximos ao ideal branco na fala da mãe de Henrique. Esse ideal perpassa a noção do *habitus* que foi construído e solidificado a partir do que é aceitável socialmente.

Tendo em mente as ideais de uma sociedade hierarquizada a partir de raças, Tenório (2020) nos mostra o conselho que é dado a Henrique ao longo de sua vida, de modo a se tornar uma resistência frente às imposições raciais que lhe são determinadas, isto é, as disposições consolidadas, ele nos afirma: “Que cada pessoa é uma pessoa e nunca deixe te diminuírem porque você é negra” (Tenório, 2020, p. 54). Nesse caso, essa situação nos mostra o desafio de manter a dignidade e o status pessoal diante de uma sociedade que muitas vezes desvaloriza indivíduos com base em sua identidade racial.

Em resumo, a obra de Tenório (2020) evidencia como os capitais cultural, econômico, social e simbólico permeiam e moldam as diferentes experiências na vida de Henrique. A presença ou a ausência deles determinam não apenas suas possibilidades de sobrevivência, mas também os desafios e limitações que o personagem enfrenta ao longo de sua trajetória, delineando os caminhos e percalços de sua vida. No próximo tópico, iremos analisar o que significa censurar um livro em nossa sociedade.

Disputa de poder sobre a educação

Como apontado em nossa introdução, a retirada da obra *O avesso da pele* das escolas públicas pode ser entendida, sob a perspectiva bourdieusiana, como uma estratégia de silenciamento de vozes que questionam as normas e desigualdades estruturais da sociedade. Esse ato evidencia como o campo educacional, apesar de possuir certa autonomia, é constantemente atravessado pelas disputas de poder que caracterizam o campo político. Nesse cenário, a escola, que deveria atuar como um espaço de reflexão e construção crítica, acaba se subordinando às dinâmicas de controle exercidas por interesses externos.

Para Pierre Bourdieu, o campo político é um espaço de luta estruturado em torno de regras, crenças e papéis próprios, mas que jamais se desvincula totalmente dos interesses sociais dos grupos em nome dos quais a política se organiza, isto é, campo que tem um espaço relativamente autônomo, que está imerso em um “[...] universo de regras, crenças e papéis próprios” (Catani *et al.*, 2017, p. 91).

Essa relação de dependência do campo educacional confere ao campo político sua legitimidade enquanto um espaço de disputas, no qual se articulam capital simbólico e poder. Portanto, quando a Secretaria de Educação censura livros que abordam temas como racismo estrutural, violência policial e a experiência do corpo negro na sociedade, o campo político opera como agente controlador do que é considerado legítimo para o ensino, instrumentalizando o campo educacional para reforçar sua própria hegemonia.

No caso da censura à obra, essa dinâmica de poder se torna evidente. Ao proibir que a obra seja trabalhada no ambiente escolar, o campo político restringe os instrumentos pedagógicos disponíveis

para promover debates sobre questões sociais relevantes. A escola, nesse contexto, perde autonomia ao ter suas escolhas submetidas às lógicas de poder externas, que legitimam apenas determinadas narrativas enquanto silenciam outras.

Assim, a censura não é apenas um ato isolado, mas um exemplo concreto de como as disputas de poder moldam os espaços sociais, incluindo o campo educacional. A escola, ao se submeter às imposições do campo político, perde parte de sua função crítica e formativa, tornando-se um elo na cadeia de reprodução das estruturas de poder que sustentam as desigualdades sociais. Desse modo, é imprescindível discutir como as relações entre os campos político e educacional moldam a construção do conhecimento e, consequentemente, a própria sociedade.

O poder simbólico em *O avesso da pele*

Con la ayuda de textos literarios, pretenden provocar un deseo, una búsqueda de otra cosa, llevar a hacerse preguntas, acercarse a lo real, afinar la sensibilidad, apropiarse de una lengua llena de matice (Petit, 2024, p. 9).

Quando o Estado brasileiro institui o Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017 (Brasil, 2017), estabelece o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) como política pública voltada à inserção de materiais didáticos, pedagógicos e literários no âmbito educacional. O programa busca assegurar a oferta desses materiais a estudantes, professores e gestores, fortalecendo práticas educativas em todo o país. Posteriormente, a Resolução nº 15, de 26 de julho de 2018 (Brasil, 2018), regulamenta a execução do PNLD, definindo normas de conduta e destacando como características centrais:

A transparência no processo de escolha;
As diversidades sociais e culturais que caracterizam a sociedade brasileira, bem como o pluralismo de ideias e as concepções pedagógicas no processo de escolha;
As responsabilidades atribuídas pelo PNLD a toda comunidade escolar, especialmente redes de ensino, gestores escolares e professores (Brasil, 2018).

Assim, a legislação deixa claro que a escolha dos livros deve ocorrer por meio de um processo de democracia participativa, para

o qual toda a comunidade escolar é chamada a atuar de forma ativa. Nesse sentido, a Resolução nº 12, de 7 de outubro de 2020 (Brasil, 2020) reforça a relevância da participação dos docentes na seleção das obras, considerando seu conhecimento sobre a realidade dos estudantes e das escolas em que atuam. O Informe nº 35/2022 – COARE/FNDE orienta que:

Nesse período, os diretores das escolas participantes do Programa poderão registrar as obras literárias que serão utilizadas nos próximos três anos. Nessa escolha, as escolas deverão fazer dois diferentes registros: a escolha de 2 obras para cada estudante; e de acervos para a biblioteca da escola [...] Antes de registrar a sua escolha, porém, analise o Guia do PNLD Literário 2021 disponível no portal do FNDE e, em reunião com a equipe pedagógica e os professores, escolha as melhores opções para sua escola [...] Lembramos que é atribuição dos diretores de cada escola, urbana ou rural, registrar a escolha no Sistema de acordo com a Ata assinada pelos professores. À Secretaria de Educação compete apenas orientar as escolas sobre o processo de escolha, garantindo a participação do professor na escolha do material mais adequado à realidade da escola (Brasil, 2022, p. 01).

Partindo do pressuposto de que a política educacional foi concebida para considerar os aspectos sociais e econômicos de cada contexto, observa-se que determinadas secretarias de educação, valendo-se de seu poder, constroem uma narrativa segundo a qual alguns livros seriam “impróprios” para discussão escolar. Exemplo disso ocorreu nos estados de Mato Grosso do Sul, Goiás e Paraná (G1, 2024), cujos governos utilizaram seu poder simbólico para recolher obras democraticamente escolhidas pelas próprias instituições de ensino, em conformidade com as necessidades locais.

Nesse sentido, o poder se desloca de um campo a outro: deixa a esfera estritamente política e passa a incidir sobre a educacional. Importa destacar que a política de inserção literária nas escolas não prevê que a Secretaria de Educação exerça controle direto sobre a escolha das obras, mas apenas que oriente as unidades escolares quanto ao processo de seleção. Logo, não cabe à Secretaria de Estado da Educação (Seduc), por meio de seu poder político e simbólico, adotar posturas autoritárias que desconsiderem e desrespeitem a decisão da comunidade escolar.

Constata-se, ainda, que um livro amplamente reconhecido por sua relevância acadêmica e social tem sido alvo de ataques por diferentes instâncias governamentais, movidas por interesses particulares e ideológicos. Em consequência, evidencia-se que as decisões, nesse campo, não refletem a vontade democrática e participativa das comunidades escolares, mas sim a imposição de uma minoria dominante que atua a partir de seus interesses políticos, econômicos e sociais.

O receio desses estados em permitir que os jovens tenham acesso a essa literatura revela, em essência, aquilo que buscam evitar. Como assinala Petit (2024, p. 06):

Según ellos, lo esencial de la experiencia de la lectura era esa construcción de un espacio íntimo, donde cada uno, no obstante, se relacionaba con los otros por una multiplicidad de lazos. Un habitáculo que permitía delimitarse, percibirse como separado, diferente de lo que le rodeaba a uno, capaz de un pensamiento independiente, donde comenzar a elaborar o reconquistar una posición de sujeto. Un lugar que había un margen de maniobra, que permitía un nuevo despliegue de lo posible.⁸

Desse modo, a autora evidencia o papel social da literatura, ressaltando sua função fundamental na construção da experiência de si e do outro, bem como na vivência da liberdade do cidadão em relação a si mesmo e ao próximo, por meio das trocas e experiências compartilhadas. A leitura, nesse sentido, é um espaço simbólico de emancipação, justamente o que a censura tenta interditar. Como afirma Candido (2004, p. 175),

[...] assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente.

A partir dessas ponderações, podemos afirmar que a censura imposta por esses estados à obra *O avesso da pele* configura-se como

⁸ Tradução nossa do trecho: “Segundo eles, o essencial da experiência da leitura era essa construção de um espaço íntimo, onde cada um, no entanto, se relacionava com os outros por uma multiplicidade de laços. Um espaço que permitia delimitar-se, perceber-se como separado, diferente do que o rodeava, capaz de um pensamento independente, onde se podia começar a elaborar ou reconquistar uma posição de sujeito. Um lugar que havia uma margem de manobra, que permitia um novo desdobramento do possível”.

uma restrição arbitrária do que pode ou não ser lido. Ao retirar das escolas públicas livros selecionados democraticamente, as secretarias de educação exercem seu poder simbólico sobre o campo educacional. Nesse contexto, a educação fica à mercê do campo político, submetida aos interesses e à ideologia que os representantes do governo desejam propagar. Retirar a obra significa negar o direito à literatura, o direito de escolha e, em última instância, o direito à cidadania, instaurando o silenciamento.

Considerações finais

Portanto, ao retomarmos o objetivo deste artigo de analisar, com base nos conceitos de *habitus* e capitais, de Pierre Bourdieu, as dinâmicas de poder presentes nas relações sociais e humanas, fica evidente que as ações da Seduc, ao censurar a obra *O avesso da pele*, ilustram de forma clara como essas estruturas moldam práticas e percepções cotidianas. Assim, a narrativa literária, tomada como objeto de análise, revela-se fundamental para compreender como o poder simbólico se materializa no campo educacional e interfere diretamente na realidade social.

Em resumo, o conceito de *habitus*, discutido por Bourdieu, nos ajuda a compreender como, na obra em análise, são construídos e legitimados discursos que hierarquizam as raças com base na cor da pele. Trata-se de uma sociedade que estabelece valores e normas em função de traços físicos e fenotípicos, delimitando o que é considerado aceitável. Nesse sentido, a obra, ambientada no Brasil, evidencia como a questão racial constitui um marco central nas relações sociais e culturais do país.

É importante destacar que os capitais sociais, culturais, econômicos e simbólicos também atravessam e moldam os indivíduos na sociedade. A obra *O avesso da pele* revela como o *habitus* define quais capitais são legítimos e as consequências para aqueles que não correspondem ao padrão esperado, especialmente os corpos negros. Sob essa lógica, torna-se evidente como, no Brasil, o corpo negro enfrenta diversas formas de violência que são naturalizadas pelo *habitus* social. Fome, preconceito, discriminação, violência e morte tornam-se práticas normatizadas sob a justificativa implícita de que esses corpos podem ser violados, pois tal condição

é legitimada pelas estruturas sociais e os capitais predominantes no país.

Ao analisarmos a obra como uma denúncia das violências históricas e estruturais enfrentadas pelos indivíduos negros na sociedade brasileira, percebemos que a censura ao livro nas escolas equivale a silenciar essas denúncias. Impedir que tais temas sejam debatidos no ambiente escolar é, de certa forma, validar a ideia de que essas violências não existem — afinal, “se o livro não estiver presente, a violência também não estará”, acreditam os detentores do poder.

A teoria de Bourdieu nos oferece ferramentas para interpretar essa realidade brasileira. Em primeiro lugar, compreendemos como as relações sociais são estruturadas a partir dos conceitos bourdieusianos de *habitus* e capitais. Em segundo lugar, evidenciamos como o campo educacional sofre interferências e imposições do campo político, que determina os limites do que pode ou não ser estudado nas escolas. Esses conceitos permitem uma leitura crítica da sociedade, revelando como distintas formas de poder são legitimadas e hierarquizadas, tanto nos campos sociais quanto na definição de capitais atribuídos aos indivíduos.

Nesse contexto, censurar uma obra que escancara as dinâmicas de violência e discriminação racial não é um ato isolado, mas um reflexo das disputas de poder que atravessam e moldam o campo educacional. Esse controle sobre o discurso escolar perpetua o silenciamento de questões cruciais, reafirmando as desigualdades e violências estruturais que marcam a sociedade brasileira.

Referências

AMADO, J. *A morte e a morte de quincas berro d'água*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008.

BRASIL. *Decreto nº 9.099*, de 18 de julho de 2017. Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 18 jul. 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/Decreto9.099180717.pdf>. Acesso em: 04 set. 2025.

BRASIL. *Resolução nº 15*, de 26 de julho de 2018. Dispõe sobre as normas de conduta no âmbito da execução do Programa Nacional

do Livro e do Material Didático. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/Resoluo152018.pdf>. Acesso em: 04 set. 2025.

BRASIL. *Resolução nº 12*, de 7 de outubro de 2020. Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD. Diário Oficial da União: Brasília, DF, seção 1, p. 88-90, 14 out. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/RESOLUON12DE07DEOUTUBRODE20203.pdf>. Acesso em: 04 set. 2025.

BRASIL. FNDE. *Informe 35/2022 – Escolha do PNLD Literário 2021 – Ensino Médio*. Brasília, DF: FNDE, nov. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/informes-pnld/2022/35.2022EscolhadoPNLDLiterario2021EnsinoMedio.pdf>. Acesso em: 04 set. 2025.

BONNEWITZ, P. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BOURDIEU, P. *Lições da aula*. São Paulo, SP: Ática, 2001.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários Escritos*. São Paulo, SP: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

CATANI, A. M. *et al. Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017.

MARTINS, C. B. Estrutura e Ator: A Teoria da Prática em Bourdieu. *Revista Educação e Sociedade*, São Paulo, SP, n. 27, v. 09, p. 33-46, set. 1987.

OLIVEIRA, J. F.; PESSOA, J. M. O método em Bourdieu. In: PESSOA, J. M.; OLIVEIRA, J. F. (orgs.). *Pesquisar com Bourdieu*. Goiânia, GO: Cânone Editorial, 2013. p. 15-30.

ORTIZ, R. A procura de uma sociologia da prática. In: ORTIZ, R. (org.). *A sociologia de Pierre Bordieu* [Coleção Grandes Cientistas Sociais]. São Paulo, SP: Ática, 1983.

PETIT, M. Somos quizá ante todo animales poéticos. *Conjectura: Filosofia e Educação*, Caxias do Sul, RS, v. 29, p. e024001, 2024. DOI: 10.18226/21784612.v29.e024001. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/11727>. Acesso em: 05 set. 2025.

SANTOS, E. 'O Averso da Pele': livro que debate racismo é censurado em escolas de 3 estados por reação equivocada ao conteúdo, alertam especialistas. *G1 Educação*, 8 mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/03/08/o-avesso-da-pele-livro-que-debate-racismo-e-censurado-em-escolas-de-3-estados-por-reacao-equivocada-ao-conteudo-alertam-especialistas.ghtml>. Acesso em: 04 set. 2025.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS. *Nota de repúdio à censura de livros*. Snel, 08 mar. 2024. Disponível em: <https://snel.org.br/nota-de-repudio-a-censura-de-livros/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2020.